

“Quem é a mulher da relação?": uma abordagem cognitivista sobre o gay passivo¹

Natival Almeida Simões Neto²

Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (2010-2014). Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura na mesma instituição.

Email: nativalneto@gmail.com

Resumo: A compreensão socialmente difundida do homossexual masculino passivo como a mulher da relação é o objeto central de observação deste trabalho, que se orienta pelos princípios teóricos da Linguística Cognitiva, sobretudo da Teoria da Metáfora, vista a partir de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Lakoff (1987, 1994). Observa-se também a maneira como o ato sexual e os órgãos envolvidos são conceptualizados. Para isso, foram coletadas formas que expressam essas partes do corpo, na tentativa de observar como as compreensões que se fazem dessas partes do corpo viabilizam o já referido entendimento acerca do passivo.

Palavras-chave: Metáforas. Sexo. Homossexualidade. Mulher.

Abstract: The diffused understanding of passive male homosexual as the woman of the relationship is the central object of observation of this work, which is guided by theoretical principles of Cognitive Linguistics, especially the Theory of Metaphor, seen through Lakoff and Johnson (2002 [1980]) and Lakoff (1987, 1994). It was also observed how the sexual act and the organs involved are conceptualized. For this, forms that express these body parts were collected in an attempt to observe how the understandings that make these body parts enable the aforementioned understanding liabilities.

Keywords: Metaphors. Sex. Homosexuality. Woman.

1 Introdução

A heteronormatividade, como observa Miskolci (2009, p. 156), tem lançado “as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade”. Uma das implicações desse conceito é a rigidez com que as fronteiras entre o que é ser homem e o que é ser mulher se estabelecem, e qualquer prática que fuja dessa norma se

¹ Este artigo foi elaborado como um requisito de avaliação parcial da disciplina LETE06 – Tópicos em Semântica Cognitiva, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Aurelina Ariadne Domingues Almeida, no semestre de 2014.1 do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Foi também apresentado no I ENESCOG – I Encontro de Estudos em Semântica Cognitiva, evento derivado da disciplina.

² Bolsista de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

encaminha para o que alguns leem como fora dos padrões de heterossexualidade ou ainda inversão de papéis. Outro acarretamento do modelo heteronormativo é que os relacionamentos afetivo-sexuais, mesmo que não envolvam pessoas heterossexuais, são pensados dessa maneira, isto é, um casal homossexual, representado neste trabalho por dois homens gays, muitas vezes, é compreendido por uma lógica de um casal homem/mulher, que ganha mais força, por assim dizer, na designação dos papéis que desempenham no ato sexual: o ativo é compreendido socialmente como o homem da relação e o passivo, a mulher.

Esse entendimento do passivo como a mulher da relação é o objeto de observação deste trabalho, que se lançará a discutir essa compreensão pela mediação da linguagem, orientando-se pelo arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, sobretudo pelas operações de categorização e conceptualização e pela Teoria da Metáfora proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Lakoff (1987, 1994). A pesquisa levará em conta a maneira como o ato sexual é compreendido e a extensão dos conceitos de sexo, gênero e orientação sexual a outros domínios do conhecimento. Por isso, foram coletados registros linguísticos em textos veiculados em variados sites brasileiros que estivessem relacionados à área da sexualidade, considerando-se as nuances de alguns conceitos que serão compreendidos por intermédio de alguns estudos de gênero, como os realizados por Scott (1990), Butler (2008) e Salih (2013).

É sabido que o estudo linguístico acerca da sexualidade se afirma ainda como um tabu, porque o próprio sexo é visto de forma pudica na sociedade brasileira, fato anunciado por Pretti (1984), no livro “A linguagem proibida”, que investigou uma amostra de língua utilizada em textos eróticos, nos chamados palavrões, blasfêmias, gírias e no discurso malicioso e que, não raramente, aparecem nos dicionários com a notação de tabuísmo e socialmente vistos como expressões feias. A fim de compreender a relação entre o léxico, a sexualidade e a construção de sentidos, este trabalho também tentará observar a maneira como são designadas e compreendidas as partes íntimas (pênis, vagina e ânus). Para isso, foram coletadas algumas lexias que são utilizadas para nomear essas partes do corpo, visando observar, pela perspectiva do ato sexual, como as compreensões que se fazem desses órgãos dão suporte à difundida metáfora PASSIVO É MULHER.

O trabalho, então, se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, destacam-se os pressupostos dos estudos de sexo e gênero. A seção 3 apresenta os princípios teóricos da Linguística Cognitiva, dando maior destaque às operações de categorização, conceptualização e à maneira como essas podem ajudar na compreensão dos conceitos vistos na seção 2, e como esses mesmos se estendem para outras áreas do conhecimento, a partir de mapeamentos metafóricos e metonímicos. Na seção 4, discute-se como a metáfora do contêiner tem se revelado produtiva para o entendimento do corpo humano, culminando na análise de itens lexicais que são usados para designar partes do corpo relacionadas à expressão do ato sexual e que se mostram eficientes para discutir a forma como são conceptualizados o ato sexual como um todo e o próprio corpo. Na seção 5, são feitas as considerações finais, e seguem-nas as referências.

2 Breve incursão sobre os conceitos de sexo, gênero e orientação sexual

Como relata Salih (2013), a frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher!” de Simone de Beauvoir, no livro *O segundo sexo* (1949), ganhou notável espaço no início dos estudos sobre a mulher. A partir desse famoso dito, iniciou-se uma série de discussões em torno de dois conceitos que ainda estão longe de serem categoricamente distinguidos: o sexo e o gênero. Stoller (1978) *apud* Grossi (1998) propôs que a diferença está no fato de o sexo se referir a aspectos estruturais e funcionais do corpo humano, e o gênero, por outro lado, é de ordem sociocultural e histórica relacionando-se ao sexo.

Essa dicotomia que relaciona o sexo à biologia e o gênero à cultura, no entanto, não é consensual entre os estudiosos do tema. Scott (1990) reconhece que o contexto histórico do surgimento do termo *gênero* para fins de distinção se deveu à necessidade de não sucumbir ao determinismo biológico que a ideia do *sexo* lançou sobre as diferenciações entre os *gêneros*. Porém, não só Scott (1990), mas também Butler (2008) pensam que os dois conceitos se baseiam em conhecimentos que o ser humano faz sobre si. Isso provoca um distanciamento da clássica dicotomia, no momento em que entendem os dois conceitos como não interdependentes, não naturais e construídos através da experiência sociocultural e sócio-histórica. A respeito disso, Salih (2013), na obra *Judith Butler e a Teoria Queer*, menciona que,

se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Em vez disso, Butler declara que o gênero é “não natural”; assim não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. Será, assim, possível, existir um corpo designado como “fêmea” e que *não* exiba traços geralmente considerados “femininos”. Em outras palavras, é possível ser uma fêmea “masculina” ou um macho “feminino”. (SALIH, 2013, p. 67)

O exemplo ilustrado por Salih (2013) corrobora o pensamento de que a identidade de gênero independe da composição biológica da pessoa, o que é também aceito por Oliveira (1994) e Jesus (2012). Essas duas últimas autoras lembram que o fato de se viver numa sociedade em que as diferenças entre os homens e mulheres são feitas, na maioria das vezes, pela genitália induz ao argumento mais generalizado da interdependência. Destacam também que há culturas em que o sexo não é definido anatomicamente e, mesmo naquelas em que a anatomia é determinante, Jesus (2012) sugere que se pense para além da dualidade simplificadora do determinismo científico. A respeito desse fato, Oliveira (1994) observa que

a diferença entre o homem e a mulher é uma fundamental condição sobre a qual foram construídas várias culturas. Elemento fundador das diversas organizações sociais, ao fundar a ordem cultural, faz do corpo e do seu uso o instrumento principal de diferenciação sexual. [...] As sociedades construíram o homem e a mulher, acrescentando à distinção anatômica de seus corpos um sistema de símbolos culturais que os identificam como se fossem extensão da pele. O corpo e suas vestes são impressões significantes, distinguem o ser masculino do ser feminino. [...] Cada cultura

delimita um sistema de signos simbólicos que vão, desde a roupa, gestos, atributos, atividades, adereços, até os nomes de gêneros gramaticais. Esse sistema é diverso para cada tipo de sociedade e acompanha os processos histórico-culturais de mudanças sociais. [...] A gramática erótica ordena o corpo social, põe suas vestes diáfanas sobre o sexo, dando-lhes caracteres simbólicos exteriores à diferença anatômica. (p. 25)

A identificação com *ser homem* ou *ser mulher* é, portanto, construída socialmente. Butler (2008) entende o gênero como uma *performance*, propondo que seja algo flexível e moldável. São, segundo essa autora, instâncias em que o sujeito experimenta mais proximidade de um determinado gênero do que de outro. Bem por isso, tanto é possível encontrar um homem que fuja às normas sociais de masculinidade, como os metrossexuais na sociedade brasileira (GARCIA, 2005), quanto uma *mulher* se identificar, como *masculina*³, sem que, nem um, nem outro implique questionar a sua autoidentificação.

É fato que sexo e gênero são, às vezes, atrelados ao conceito de *orientação sexual*. Segundo Jesus (2012), a orientação se refere ao sentimento de atração afetiva ou sexual por alguém de determinado(s) gênero(s). Esse é um conceito também não natural e independente do gênero e do sexo. Além da *monossexualidade* (atração por um só gênero), que abarca tanto a *heterossexualidade* (atração por pessoas de gêneros diferentes) quanto a *homossexualidade* (atração por pessoas do mesmo gênero), destacam-se entre as orientações mais conhecidas: *bissexualidade* (atração por pessoas tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino), *pansexualidade* (atração por pessoas independente do seu gênero, indo além dos gêneros masculino e feminino) e *assexualidade* (indiferença a prática sexual).

Para este trabalho, merece ser conceituado também o tipo de papel erótico desempenhado no ato sexual, se é que pode ser assim chamado. Em relações homossexuais entre homens⁴, por exemplo, há, pelo menos, três papéis básicos: o *ativo* (aquele que penetra analmente o outro), o *passivo* (aquele que é penetrado analmente) e o *versátil* (aquele que tem predisposição a desempenhar os dois papéis). Essa é uma classificação que tem como perspectiva a penetração, mas é sabido que há relações homossexuais, e também heterossexuais, em que essa não se faz presente.

Em culturas machistas, existem tendências à supervalorização do *ativo* e a associação do *passivo* à figura da mulher, do feminino. Isso, segundo Oliveira (1994, p. 33), está relacionado ao fato de que, eroticamente falando, o masculino nessas culturas é compreendido como *penetrador*, *comedor* e *ativo*, ao passo que a mulher é a *penetrada*, *doadora* e *passiva*. Ainda que seja possível encontrar práticas sexuais, como o *pegging*⁵,

³ “Eu sou uma mulher masculina”, afirma Ivete Sangalo. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/columnistas/renatokramer/2013/12/1382616-eu-sou-uma-mulher-masculina-afirma-ivete-sangalo-no-altas-horas.shtml>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

⁴ Você é gay, ativo, passivo ou ‘gouine’?. Disponível em: <<http://www.identidadeg.com.br/2013/01/coluna-livre-voce-e-gay-ativo-passivo.html>>. Acesso em 17 ago. 2014.

⁵ O que é pegging e como praticá-lo? . Disponível em: <<http://relacoes.umcomo.com.br/articulo/o-que-e-o-pegging-e-como-pratica-lo-3552.html>>. Acesso em 19 ago. 2014.

em que a mulher penetra o homem com o uso de uma cinta peniana, esse não é o papel que prototipicamente se espera de uma mulher nessas culturas. Assim, conforme Oliveira (1994), no imaginário popular dessas sociedades, o homem que expresse o desejo de ser penetrado é entendido como aquele que deseja ser o feminino ou a mulher da relação.

A apresentação aqui feita dos conceitos tem caráter apenas elucidativo, a fim de explicar as diferenças entre os termos. O trabalho, então, não se envereda por revisões conceituais ou assunções de uma postura teórica específica sobre gênero e diversidade, embora a presença de alguns autores destaque a Teoria Queer, que assume uma perspectiva antideterminista, dinâmica e mais sociológica para a construção desses conceitos. Essa teoria encontra na cultura e na sociedade elementos mediadores para a maneira de o ser humano se autoidentificar.

De maneira similar, a Linguística Cognitiva tem dado importância aos mesmos elementos mediadores (cultura e sociedade) para a forma como o ser humano concebe a linguagem. A essa teoria linguística interessa entender como o mundo em que o indivíduo está inserido é apreendido em sua mente, por meio da organização em categorias e da capacidade de compreender uns conceitos em termos de outros. Nesse sentido, as associações entre um conceito e outro, como visto no estudo de Oliveira (1994), podem ser razoavelmente explicadas por essa teoria. Isso será mais bem explicitado a partir da próxima seção.

3 Diálogo preliminar com os princípios teóricos da Linguística Cognitiva

3.1 Pressupostos da Linguística Cognitiva e as operações de conceptualização e categorização

A Linguística Cognitiva (LC) tem como episódio relevante a publicação do livro *Metaphors We live by* (em português: *Metáforas da vida cotidiana*) de Lakoff e Johnson, em 1980. A obra apresenta um rompimento com o modelo gerativista, mas não pela hipótese do inatismo, pois os cognitivistas consideram a participação da genética na compreensão da linguagem (MARTELOTTA e PALOMANES, 2008). A ruptura se dá mais precisamente pelo questionamento sobre a autonomia de uma região modular no cérebro que seja responsável por todo o desenvolvimento da linguagem (a faculdade da linguagem). Para os cognitivistas, a linguagem deve ser observada de maneira mais integradora, sem que haja separação de *mente* e *corpo*, pois diversos usos da linguagem parecem se relacionar diretamente com a experiência sensorial, que se tem através do corpo. A LC não acredita também na sobreposição da sintaxe aos outros níveis (semântica, fonologia, léxico), desfazendo-se dos esquemas modulares e pautando-se em dois princípios básicos, como observam Martelotta e Palomanes (2008):

- *Processos de significação* – Como a LC se pauta no uso, ao passo que a gerativa se baseia na introspecção, os sentidos são construídos a partir de contextos ricos e dinâmicos, não sendo algo intrínseco.
- *Princípio de escassez do significante* – “A forma linguística é uma pista para as complexas tarefas cognitivas da linguagem” (MARTELOTTA e PALOMANES,

2008, p. 180), ou seja, é um produto de atividade conjunta que pressupõe cooperação e interação.

O aspecto semântico passa a ser o centro de interesse das investigações linguísticas, uma vez que a LC, segundo Geeraerts e Cuyckens (2007), pressupõe um modelo orientado para o significado e baseado no uso, considerando que o significado seja: (i) dinâmico e flexível, adaptando-se ao contexto e se organizando por meio de redes radiais, esquemáticas e multidimensionais; (ii) enciclopédico, pois remete a outros domínios do conhecimento; (iii) perspectivista, pois varia quanto às perspectivas de compreensão.

O ser humano, na tentativa de apreender o mundo em que está inserido, tem a conceptualização e a categorização como operações fundamentais. A conceptualização, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), está relacionada à maneira como o ser humano aprende os conceitos, entende-os e estrutura-os em seu sistema conceptual, que se mostra central nesse processo de apreensão da realidade cotidiana e é, em grande parte, metafórico e não literal. Esse sistema trabalha com domínios conceptuais que, segundo Martelotta e Palomanes (2008, p. 184), são “espaços de referência ativados quer, por formas linguísticas, quer pragmaticamente, ajudando a construir assim, os significados”.

A categorização, por sua vez, diz respeito à capacidade de o ser humano apreender e organizar o mundo em que está inserido, colocando elementos como membros de uma mesma categoria (SARAIVA, 2008). Essa apreensão e organização se realizam no âmbito da linguagem, mas como essa não é autônoma, como se pensava no Gerativismo, torna-se impossível para o indivíduo, através das atividades linguísticas somente, enumerar e designar todas as características de tudo que o rodeia, mas é possível que ele estabeleça recortes que estejam de acordo com a sua experiência. Uma vez que a LC se inclina para uma abordagem perspectivista e experiencialista dos usos linguísticos, o fato de estar em uma cultura, e não em outra, influencia na forma como são feitas as categorizações (LAKOFF, 1987; TEIXEIRA, 2005; SARAIVA, 2008). Deve-se reconhecer também que um dos modos mais eficientes de conceptualizar o mundo é categorizando-o, e que toda categorização pressupõe uma conceptualização, sendo, portanto, processos conjuntos.

Saraiva (2008) observa que a categorização se mostra eficaz para a economia cognitiva, no momento em que permite compreender e classificar os estímulos e experiências cotidianas, possibilitando uma melhor assimilação dessas informações. Categorizar envolve noções hierárquicas que partem do geral para o específico. Esse é um mecanismo básico, universal e histórico, segundo Lakoff (1987). O que mudará com cada cultura é a perspectiva de mundo, pois a forma como os elementos se entrelaçam e se encaixam numa dada categoria, e não em outra, certamente, variará.

Exemplo disso está na distinção de certos vegetais em *frutas* (abacaxi, maracujá, acerola), *verduras* (abóbora, cenoura) ou *legumes* (feijão-preto, berinjela, pimentão) que é feita pela Gastronomia, e não pela Botânica, que trabalha com *raízes* (aipim, inhame, batata-doce), *caules* (cebola, batata), *folhas* (alface, rúcula) e *frutos* (maçã, pera, jaca). Em algumas culturas, como observa Teixeira (2005), *abacate* é tomado como *fruta*, em outras como *legume*. Para um país como o Brasil, o abacate é fruta, ao passo que, para o

México, o abacate é um legume. A universalidade da categorização nesse exemplo está no fato de se partir de um conceito geral para o específico (VEGETAL → ABACATE), o que implica dizer que todo abacate é um vegetal, mas nem todo vegetal é um abacate. Cada área do saber adotou uma perspectiva diferente de classificar. Na Gastronomia, a hierarquização de vegetais envolve subcategorias de *fruta*, *verdura* ou *legume* (VEGETAL → FRUTA → ABACATE). Já a Botânica apresentará uma maior gama de subcategorias com raiz, caule, folha e fruto (VEGETAL → FRUTO → ABACATE). Isso mostra que a classificação varia de acordo como a cultura ou área do saber, experiencia esse ou aquele elemento.

3.2 Como as operações cognitivas podem atuar sobre o sexo, o gênero e a orientação sexual?

A distinção feita entre *homens* e *mulheres* pode ser compreendida como uma categorização. Se tomada uma perspectiva biologista, haverá uma inclinação a um binarismo *macho* ou *fêmea*. Numa abordagem mais sociocultural não normativa, haverá uma mais extensa gama que inclui *masculino*, *feminino*, e vários gêneros *não binários*. Do ponto de vista interdisciplinar aqui assumido, seria arriscado categorizar esses conceitos, colocando-os num nível de hierarquia do tipo “MACHO → MASCULINO → HOMOSSEXUAL → PASSIVO”, pois, além de serem conceitos independentes, não seria possível determinar o que é mais geral ou o mais específico. Mas ainda que não possam ser colocados em níveis hierárquicos, esses conceitos têm servido de base para a categorização de outros elementos.

O aparato biológico-anatômico, que muito se usa para a distinção entre macho e fêmea, por exemplo, tem se mostrado útil também nos campos da Informática e da Eletrônica, em que cabos e tomadas⁶ podem ser separados em *macho* e *fêmea*, sendo o *macho* o cabo que tem o chamado plugin saliente de entrada, e a *fêmea*, o que tem o plugin para ser encaixado. Essa classificação se baseia na perspectiva do ato sexual com penetração, porém há outros elementos dentro do campo biológico que viabilizam a extensão para outras áreas. Na Botânica, plantas podem ser distinguidas em macho ou fêmea⁷, sendo a *planta-macho* aquela cuja flor tem pendão longo e, por ter atrofiada a região onde o óvulo se aloja, raramente produz fruto. Já a flor da *planta-fêmea* tem pendão curto e produz flores e frutos. Nesse caso, a perspectiva leva em conta também a reprodução, o que também foi observado numa crônica publicada no Jornal do Sudoeste⁸ em que o autor menciona a existência de *dinheiro macho* (que não faz fartura) e *dinheiro fêmea* (aquele que parece se reproduzir, pois nunca se acaba).

Pensar na categorização de cabos, tomadas e plantas em *macho* ou *fêmea* é diferente de pensar em camisas, cortes de cabelo ou nomes de pessoas como *masculinos* ou *femininos*, considerando que esses não parecem ser elementos compreendidos em

⁶ Qual a diferença entre cabo macho e cabo fêmea? Disponível em <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110718161451AAEBE3n>> Acesso em 16 ago 2014.

⁷ Existe mamoeiro macho e fêmea? Disponível em <<http://super.abril.com.br/cotidiano/existem-mamoeiros-macho-femea-440963.shtml>> . Acesso em: 18 ago 2014.

⁸Dinheiro macho e dinheiro fêmea. Disponível em <http://www.jornaldosudoeste.com.br/coluna_info.php?codigo=3742>. Acesso em: 18 ago 2014.

termos das identidades de gênero. Na verdade, são justamente esses elementos, e mais um conjunto de atitudes, os símbolos preponderantes para a construção do imaginário sociocultural, ou do estereótipo, sobre a expressão de um gênero ou para a delimitação entre gêneros distintos. O mesmo parece se aplicar na tentativa de pensar categorias hetero ou homossexuais, como *público gay*, *balada hetero*, *causa homossexual*. Esses casos não deixam de envolver categorizações, mas não parecem usar um domínio da experiência para classificar outro.

Os papéis de *ativo* e *passivo* resultam da conceptualização de que o sexo é uma ação ou atividade que envolve um ser que afeta, nesse caso, o ativo, e o afetado, o passivo. Os termos *ativo* e *passivo* são relevantes para outras áreas atividades da experiência humana e a conceptualização do passivo é sempre de paciente ou afetado. Assim, por exemplo, o *léxico passivo* é aquele que o falante usa somente para a assimilação, não tendo um domínio usual/ativo/corrente dele. Quando se fala em *fumante passivo*, fala-se do não fumante que inspira a fumaça do cigarro fumado pelo fumante ativo. Na contabilidade⁹, o *passivo financeiro* de uma empresa são as obrigações que essa tem a *dar* ou *pagar*.

Sobre a compreensão da categoria *passivo* como algo que deve ser dado, retome-se o fato já mencionado de que, numa sociedade machista, há a conceptualização da mulher doadora (OLIVEIRA, 1994). Como, na perspectiva dessas culturas, PASSIVO É MULHER, logo o passivo também é visto como um doador. Exemplos disso estão nos usos de *lexias*, como *dar o cu*, *dar a boceta* e *pagar boquete*, atestados nos dados de (1) a (3) de sites da Internet:

- (1) Safado brasileiro *deu o cu* para um casado e fez ele gozar. (Site: King Guys)
- (2) Minha esposa *deu a boceta* e eu virei gerente. (Site: Contos Eróticos Verídicos)
- (3) Menina apanha porque *pagou boquete* para 2 em rancharia. (Site: Youtube)

Nos três exemplos acima, respectivamente, os sujeitos *safado brasileiro*, *minha esposa* e *menina* estão na função dos doadores em 1 e 2 e devedora em 3 e penetrados (anal, vaginal, ou oralmente): o safado (passivo) é quem *dá*, em (1), a esposa (mulher) é quem *dá*, em (2), e a menina (mulher) é quem *paga*, em (3).

Do ponto de vista da LC, há nesses casos dois fenômenos ligados à conceptualização: a metonimização - capacidade de entender a totalidade de um conceito por meio de seleção de suas partes (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980]) – e a metaforização – a compreensão de um domínio em termos de outro e que tem como produto uma *metáfora conceptual* (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980]). Para a compreensão PASSIVO É MULHER, nos casos anteriores, há uma metáfora conceptual, no momento em que se entende uma entidade (passivo) em termos de outra (mulher), e metonímia, pois somente as noções de *doadora*, *passiva* e *penetrada* são utilizadas para conceptualizar o passivo, não podendo considerar, por exemplo, a característica de potencial de geratriz da mulher, porque essa é uma noção que não encontra correspondência no passivo e não está ligada somente à perspectiva da penetração, mas também da reprodução.

⁹ Diferenças entre os tipos de ativo e passivo financeiro. Disponível em: <<http://www.contabilidadepontual.com.br/diferencas-entre-os-tipos-de-ativos-e-passivos-financeiros/>>. Acesso em 16 ago 2014.

Basílio (2011) menciona que agentes e pacientes podem, por um processo de metonímia, serem designados pelos atos que cometem ou que lhes afetam, casos já mencionados do *ativo* e do *passivo*. Por outro lado, a compreensão baseada pela semelhança configura um esquema metafórico, que se observa em outras conceptualizações do ato sexual vistas nos exemplos de (4) a (6):

- (4) Mamãe *deu* a *xereca* para mim e para o negão. (Site Contos Eróticos)
- (5) Safadinho *comeu* o *rabo* do irmão. (Site Blog Bears Brazil)
- (6) De repente ele parou e me virou bruscamente sobre a mesa, arrancou minha calcinha de uma só vez e *atacou* minha *boceta* com a sua boca. (Site Fan Fiction)

Nas três sentenças acima, o sexo é observado em termos de alguma atividade ou ação. Em (4), há a noção SEXO É DOAÇÃO, em que *mamãe* é colocada na posição do doador e os dois beneficiários são *negão* e *mim*. A sentença (5), por sua vez, apresenta a metáfora SEXO É ALIMENTAÇÃO, em que há aquele que come (*safadinho*) e a comida (*o rabo do irmão*), colocando o ativo como o *comedor* e o passivo como *alimento*. Essas noções de *doadora* e *comedor* se baseiam nas noções eróticas sublinhadas por Oliveira (1994) e se inserem dentro de um esquema maior de SEXO É ATIVIDADE, que supõe a existência de um agente e um paciente, o que também se observa em (6), com o esquema SEXO É GUERRA, em que há um atacante (*ele*), um instrumento/arma (*boca*) e o atacado (*boceta*).

PASSIVO É MULHER resulta da compreensão de um papel no ato sexual em termos de uma identidade de gênero. Os exemplos de (1) a (6) evidenciaram que nem todos os conhecimentos associados ao domínio cognitivo idealizado de *mulher* são atribuídos ao *passivo*, somente aquelas pertinentes à atitude erótica, o que caracteriza uma seleção (processo metonímico) e, justamente por isso, a metáfora não deve ser isolada da metonímia, como observa Silva (1999). Ao conceptualizar cabos e plantas em termos do sexo biológico e categorizá-los em macho e fêmea, há uma metaforização, quando se usa do conceito de um domínio da experiência (o corpo humano) para entender outro (cabos e plantas) e uma metonimização, considerando-se que, nas tomadas, apenas, levou-se em conta o aspecto da penetração e, nas plantas, selecionou-se a reprodução. O ser humano, nesses casos, nunca é tomado em sua completude, fazendo com que a metonímia sempre esteja presente nas conceptualizações e categorizações, mas, ao que parece, nem sempre, a metáfora.

4 O jogo das metáforas no campo da sexualidade

4.1 A metáfora do contêiner e como isso se relaciona ao sexo

A apreensão da realidade pelo ser humano, como mostram Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Lakoff (1994), é essencialmente metafórica, permitindo que se entendam conceitos em termos de outros, com mediação da experiência, sobretudo, corporal. O conceito abstrato do TEMPO, por exemplo, é entendido em termos do conceito concreto do ESPAÇO (Ex: Falei isso *na* sexta-feira) ou do DINHEIRO (Ex: Não vou *gastar* meu tempo com você). Lakoff (1994) observa que, apesar da essência metafórica da linguagem que torna indistintos o discurso literário e o literal, há conceitos cotidianos e concretos que não são compreendidos metaforicamente, mas assim que se

distancia da experiência física concreta, a compreensão metafórica se mostra como norma.

A conceptualização que o ser humano faz do seu próprio corpo, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), tem permitido pensá-lo em um esquema do recipiente ou contêiner. Não por acaso, o ser humano se *enche* de raiva, *abre* a cabeça ou *guarda* rancor. Ao pensar as metáforas por um sistema de hierarquias e heranças, como fez Lakoff (1994), se o corpo humano é um contêiner, as metáforas relacionadas às partes desse corpo devem herdar características do contêiner e isso fica claro em metáforas como “meu *coração* está *cheio* de mágoas” ou “fulano não tem nada *na cabeça*”. Nesses casos, emerge também uma metonímia, no instante em que parte desse corpo resume o seu todo.

Na metáfora PASSIVO É MULHER, em que se pesem as expectativas em torno dos papéis desempenhados no ato sexual, cabe discutir se o ânus e a vagina aparecem sempre como as mesmas contrapartes dentro do esquema metafórico do contêiner e se essa é a única metáfora atuante para compreendê-los. O pênis, ao que parece, tende a ser compreendido sempre da mesma forma (o elemento penetrante), o que levaria para uma não distinção entre o papel erótico esperado (*ativo, penetrador, comedor*) para o homem heterossexual e para o homossexual ativo. Talvez por isso, muitas vezes, seja compreendido como o *homem da relação*. Quanto à aproximação do passivo com a mulher considerando somente as suas contrapartes no ato sexual, cumpre mencionar que a mulher também pode usar o ânus sexualmente, mas, inserindo-se numa perspectiva machista que vê o sexo anal ainda como um tabu¹⁰ para a mulher e a concebe mais pelo potencial gerador, essa será aqui tomada metonimicamente pela *vagina*, ficando o ânus como a contraparte focalizada do *passivo*.

4.2 Como o léxico materializa as metáforas do sexo?

Os estudos da LC, segundo Basílio (2010), têm se baseado na ideia de que morfologia, léxico e sintaxe formam um contínuo de unidades materiais que refletem os processos da mente e colocam a linguagem como reflexo de padrões de pensamento e não como um sistema autônomo independente. Assim, unidades lexicais não pressupõem exatamente suas regras estruturais, mas os significados que são ativados, a depender da experiência.

O léxico, segundo Isquerdo (2009), é o nível da língua que talvez mais reflita os aspectos da sua cultura e está sempre se atualizando, conforme as mudanças sociais e conquistas tecnológicas. Como reflexo impactante, numa sociedade em que o sexo é tratado como tabu, as palavras da sexualidade são tabuísmos. Para Kröll (1984, p. 81), tais palavras são excluídas do repertório de pessoas mais educadas e instruídas e “a abundância de expressões eufemísticas e disfemísticas que denominam esses órgãos é enorme e sua vitalidade e capacidade de renovação são muitíssimo grandes”.

¹⁰ Elas falam sobre o tabu do sexo anal e como abordar a parceira. Disponível em: <<http://vidaestilo.terra.com.br/homem/comportamento/elas-falam-sobre-tabu-do-sexo-anal-e-como-abordar-a-parceira,5e089fb6c3aae310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em 17 ago. 2014.

A fim de observar que aspectos são levados em conta para designar os órgãos sexuais¹¹, foi retirada do Canal 100 Palavras¹² (Youtube) uma amostra de trinta lexias usadas para o referido fim, sendo dez de cada um dos conceitos. As formas selecionadas estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Dez palavras para pênis, vagina e ânus.

Pênis	Vagina	Ânus
Arma	Área Vip	Bagageiro
Banana	Bacalhau	Buraco negro
Caralho	Boceta	Buraco do tatu
Lingüiça	Carne mijada	Buraco
Mastro	Casa do caralho	Cofrinho
Pau	Caverna	Entrada de serviço
Pica	Concha	Rosca
Pistola	Engole-espada	Furico
Picolé de carne	Pastel de cabelo	Porta dos fundos
Salsicha	Toca do amor	Rego

Fonte: Canal 100 Palavras (Youtube)

Os dados do Quadro 1 apontam que o pênis é conceptualizado por designações de campos diversos, como alimentos (*lingüiça, banana, picolé de carne, salsicha*) e itens bélicos (*arma, pau, pistola*), configurando metáforas do PÊNIS É ARMA ou PÊNIS É ALIMENTO, que se observam nas sentenças em (7) e (8):

(7) Tua *pistola* dispara baunilha na minha boca, no meu dorso. (Site Letras Músicas Terra: Açúcar Candy, de Sueli Costa e Tite de Lemos, 1975)

(8) Duas adolescentes conversando:

- Flavinha, a minha macaquinha já está ficando toda cabeluda!
- Bobinha! A minha já está *comendo banana!* (Site Portal do Humor)

Sabe-se que o sexo pode ser compreendido em termos da guerra e da alimentação. No exemplo em (7), há pelo menos três mapeamentos metafóricos simultâneos: (i) o *pênis* é tomado como *pistola* e a *boca* é o *alvo*, o que implica SEXO É GUERRA; (ii) o esperma é tomado como baunilha, e sendo o esperma um elemento, de certa forma, integrante do corpo, emerge CORPO É ALIMENTO; e (iii) a boca aparece na sua função de recipiente direciona para CORPO É RECIPIENTE. No exemplo (8), são detectados dois mapeamentos: o primeiro é na designação *macaquinha* para a vagina. Esse processo parece estar relacionado à metáfora SER HUMANO É ANIMAL, logo partes do corpo humano também podem herdar essas compreensões. Depois, a

¹¹ Os órgãos sexuais não devem ser entendidos como sinônimos de órgãos reprodutores, como os profissionais de saúde, da Biologia, por vezes, fazem. Sexo não implica obrigatoriamente reprodução. Além disso, como observa Colling (2012), a depender da preferência (ou perspectiva), órgãos como as mãos, para praticantes de *fist-fucking*, podem ser vistos como sexuais. Para maiores informações, ver Colling (2012).

¹² Canal 100 palavras: <http://www.youtube.com/user/canal100palavras>

representação do pênis como banana remonta, mais uma vez, à metáfora do CORPO É ALIMENTO.

Uma alternativa de observar a conceptualização do pênis nesses dados está no que Lakoff (1994) chama de metáforas imagéticas, em que não se leva em conta toda a estruturação do conteúdo como acontece nas metáforas conceptuais. São o que o autor chama de metáforas *one shot*, conduzindo dinamicamente uma imagem de um domínio para outro. Com base nisso, os elementos que são usados para nomear o pênis não pressupõem uma conceptualização propriamente dita, mas apenas uma esquematização rápida e flexível que une uma imagem a outra por motivos de semelhança (metáfora) que, ao que parece, em se tratando do pênis, se dá pela forma ou pela rigidez que dará *força* à penetração.

Os dados relacionados à vagina, em sua maioria, direcionaram para o esquema VAGINA É RECIPIENTE OU LUGAR (*área vip, toca do amor, boceta, caverna, concha*), merecendo atenção especial a lexia *casa do caralho*, por talvez ser a designação que sublinha, de maneira mais expressiva, a noção das contrapartes entre o pênis e a vagina. Nesse caso, o *caralho* é o elemento penetrante que adentra a *casa*, papel do recipiente desempenhado pela vagina. Outras metáforas observadas foram VAGINA É ALIMENTO, através de *bacalhau*¹³, *carne mijada* e *pastel de cabelo* – ainda que se deva considerar também a natureza recipiente do *pastel* –, e SEXO É ALIMENTAÇÃO, que tem como exemplo *engole espada*, sendo *espada* a metáfora para o pênis em termos bélicos, o que faz acionar simultaneamente SEXO É GUERRA.

Ainda que se tente estabelecer semelhanças entre as propriedades da boca e da vagina, no que tange à forma ou a natureza recipiente, a conceptualização da *comida*, num esquema agente X paciente de alimentação, parece pouco usual para se referir ao pênis. Mesmo que sejam atestadas expressões como *engole espada*, *engolir pica*, *mamar a vara*, o contexto sociocultural e histórico tem se mostrado decisivo para *embargar* essa noção da mulher comedora, visto que ela não parece conseguir difusão.

As lexias relacionadas ao ânus, por fim, se direcionaram muito significativamente para uma provável metáfora imagética, a partir da semelhança do formato (*furico, buraco*), mas não há, por exemplo, qualquer semelhança das imagens ativadas para o ânus com as do pênis. Outros dados apontaram para ÂNUS É RECIPIENTE (*bagageiro, cofrinho, rego*) e ÂNUS É ALIMENTO (*rosca*). Isso aproximou, pelo menos do ponto de vista lexical, o ânus da vagina, através de metáforas que os colocaram como receptáculos e alimentos no ato sexual, o que não se observou com os dados sobre o *pênis*.

A metáfora do recipiente se faz notada também nas classificações da prática de penetração sexual em *receptiva* ou *insertiva*, como feito em manuais sobre a exposição ao vírus HIV¹⁴. Essa categorização do ato sexual se baseia num esquema de figura-

¹³ A respeito de *bacalhau*, cabe ressaltar que esse item pode subjazer a metáfora SER HUMANO É ANIMAL, mas a experiência que o brasileiro tem com esse peixe é como alimento, pois o animal somente é encontrado em mares considerados frios. Partindo-se do pressuposto de que a natureza do significado é perspectivista, SER HUMANO É ALIMENTO parece fazer mais sentido nesse caso.

¹⁴ PEP Sexual – Recomendações para a abordagem da exposição sexual ao HIV: uma guia para profissionais de saúde. Disponível em:

fundo, em que o *receptivo* coloca a relação na perspectiva da *mulher* ou do *passivo*, aquele que *recebe* o pênis na *vagina* ou no *ânus* e o *insertivo* na perspectiva do *homem* ou do *ativo*, aquele que *insere*. Essa abordagem ratifica não só a aproximação entre os recipientes ânus e a vagina, mas também a ideia de que a contraparte do pênis é indiferente ao tipo de prática (*hetero* ou *homo*), como pode ser observado nos dados de (9) a (12):

- (9) Fiquei com meu cu entupido no dia do carnaval. (Site Casa dos Contos)
- (10) É possível deixar a *vagina* mais *apertada*? (Site Yahoo Mulher)
- (11) Qual é o tamanho mínimo que um *pênis* precisa ter para *preencher* totalmente uma mulher, levando-a ao prazer? (Site Yahoo Respostas)
- (12) Chorou com meu *pau dentro* dele. (Site Blog Glicerinado)

Os exemplos em (9) e (10) salientam, mais uma vez, a natureza recipiente do ânus e da vagina, mesmo quando não se apresentam os elementos que os preenchem (11), entopem (9) ou apertam (10). Em (11) e (12), o pênis se mostra justamente como essa contraparte do recipiente, o elemento que toma lugar, enche ou preenche o receptáculo, considerando-se que em (11) se suponha a vagina (representada pelo termo *mulher*) e em (12), o ânus (resumido pelo uso do *dele*), configurando uma metonímia reversa do todo pela parte, e não da parte pelo todo, como foi visto até aqui.

5 Considerações finais

O entendimento socialmente difundido de o passivo ser a mulher da relação foi ponto de partida para essa investigação que procurou considerar as distinções entre os conceitos de sexo, gênero, orientação sexual e papel erótico para discutir como uma orientação (*homossexual*) somada a um papel erótico (*passivo*) pode ser entendida em termos de uma identidade de gênero (*mulher*), considerando-se que esses são conceitos distintos e independentes. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva, teoria de base experiencialista, que tem como premissa a apreensão do mundo por mediação da linguagem, permitiu entender a forma como o pensamento se organiza e como fenômenos de categorização e conceptualização são importantes nesse processo, valendo-se dessas operações mentais que se prestam à economia cognitiva, elencando elementos semelhantes numa mesma categoria e tomando um conceito em termos do outro.

Observou-se também que as classificações baseadas em *sexo*, *gênero* e demais conceitos podem se estender para além das categorizações e conceptualizações que o ser humano faz de si próprio. Baseado no aparato biológico, o indivíduo classifica plantas e cabos. A esse processo de entender um conceito de um domínio do conhecimento a partir de outro, dá-se o nome de metaforização, que tem como produto uma metáfora conceptual, que aqui se materializou por meio de expressões metafóricas.

http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2007/40048/pep_folder_profissional_saude_pdf_72584.pdf>. Acesso em: 20 ago 2014.

Essas metáforas pressupõem sempre um processo de metonímia, o entendimento de todo um conceito por apenas uma parte, pois, quando se compreende um conceito em termos de outro, nem todas as noções dos elementos são colocadas em pareamento. Por exemplo, em SEXO É GUERRA, há a presença dos opositores (os praticantes do ato) e as armas (que podem ser os órgãos sexuais), mas as noções de derrota e vitória, que são também características do evento da guerra, por outro lado, não parecem ser ativadas nesse mapeamento. Essa seleção de aspectos ocorre também quando são categorizados e conceptualizados tomadas em macho e fêmea e até mesmo no mapeamento PASSIVO É MULHER.

A compreensão social do passivo como mulher se baseou na constatação sublinhada por Oliveira (1994) e, diante do que aqui foi exposto, essa encontra sustento na descrição feita pela teoria cognitivista, mas, no momento em que a língua está inserida em uma dinâmica sociocultural e política, não se pode negar que esses usos revelam concepções conservadoras, pois um homem ser penetrado em nada deve colocar em questão a sua identidade de gênero, tampouco a sua orientação sexual, pois existe, para além da genitália e do ato sexual, um conjunto de aspectos que realmente influenciam na forma como a pessoa se autodefine. Isso sugere a necessidade de que análises futuras levem em consideração outros fatores.

A aproximação entre as figura do passivo e da mulher se baseou, sobretudo, na maneira como os órgãos sexuais se comportam no ato sexual. Isso configura um processo metonímico, no momento em que somente o ato sexual foi levado em conta no mapeamento PASSIVO É MULHER. Nas materializações feitas pelo léxico, as metáforas relacionadas às designações para o *ânus* apresentaram destacável semelhança com as usadas para conceituar a *vagina*. Da mesma forma, nos esquemas materializados em sentenças, as metáforas apontaram que o passivo e mulher tendem a aparecer na mesma posição de paciente/afetado e isso se relaciona ao fato de o homem tomado como ativo ter sempre a predileção da concepção agentiva (comedor, penetrador, atacante). Uma amostra maior de dados de léxico para o ânus e a vagina, por exemplo, poderia apresentar itens que subjazessem as noções de guerra, alimentação ou da doação, nos moldes em que se encaixam nessas atividades.

Em linhas gerais, tanto os estudos de gênero e diversidade quanto os cognitivistas se mostram interessados na maneira como o ser humano se relaciona com o seu corpo e com o mundo ao seu redor, o que muda é apenas o olhar. O produto que aqui se alcançou ainda é introdutório, pois apenas sinaliza a possibilidade de diálogo entre áreas que pareciam ser tão diversas, por aparentarem ter objetos diferentes de investigação. Mais estudos ainda se fazem necessários para o enriquecimento dessa discussão e aproximação teórica, sobretudo no que toca à maneira como os corpos humanos são conceptualizados.

Referências

BASÍLIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. In: *Linguística*, v.05, n.02, pp.01-14, dez. 2010.

BASÍLIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, pp. 99-117, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COLLING, Leandro. O ânus é um órgão sexual? In: *Blog Cultura e Sexualidade*, Salvador, 2012. Disponível em < <http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2012/11/07/o-anus-e-um-orgao-sexual/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. In: *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 5, pp.1-15, 2005.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GROSSI, Miriam. Identidade de gênero e sexualidade. In: *Antropologia em primeira mão*, n 24, pp. 1-18, 1998.

ISQUERDO, Aparecida Negro. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, Silvana S. C. ; COSTA, Sônia B. B.; CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 41-59.

JESUS, Jaqueline G. de *Orientações sobre identidade de gênero: conceito e termos*. Goiânia: Ser-Tão, Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade/UFG, 2012.

KRÖLL, Heinz. *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Coleção Biblioteca Breve, 1984, ICALP.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: A. Ortony (Ed.). *Metaphor and thought*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: Educ, 2002 [1980].

MARTELOTTA, Mário E.; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 177-192.

- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias (UFRGS)*, v. 21, pp. 150-182, 2009.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: EDUFBA, 1994.
- PRETTI, Dino. *A linguagem proibida*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SARAIVA, Alexsandro Macêdo. Cognição e categorização: uma revisão teórica. In: PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, E. M. P. (Orgs). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, pp. 39-70.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*, n. 2, v. 15, pp. 5-22, 1990.
- SILVA, Augusto Soares. *A semântica do deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- TEIXEIRA, José. Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta). In: *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, nº 19/1, 2005, pp.239-280.